



FATO ECONÔMICO



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Indústria volta à recessão

Com queda do PIB industrial no 1º trimestre de 2019, a indústria pode ser considerada novamente em recessão técnica

▶ A QUESTÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) caiu 0,2% no primeiro trimestre de 2019 frente ao trimestre anterior, após crescimento de apenas 0,1% no último trimestre de 2018. A indústria, por sua vez, caiu 0,7% – é o segundo trimestre consecutivo de recuo, o que caracteriza recessão técnica. O investimento, medido pela formação bruta de capital fixo, também caiu pelo segundo trimestre consecutivo. Esses resultados sugerem que a esperada saída definitiva da crise está em risco.

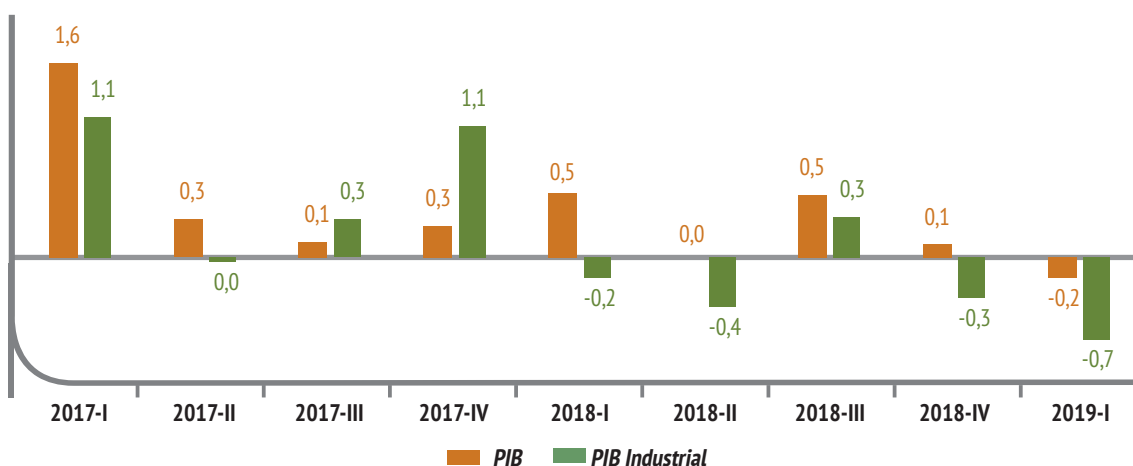
▶ OS FATOS

1. Indústria está novamente em recessão

Apenas os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) cresceram 1,4% no primeiro trimestre de 2019, frente ao trimestre anterior. A indústria extrativa recuou 6,3% na mesma comparação, devido ao rompimento da barragem em Brumadinho e a paralisação de outras unidades de mineração em Minas Gerais, com a consequente redução da extração de minérios ferrosos. A indústria de transformação recuou 0,5%, após queda de 0,9% no trimestre anterior. Já a indústria da construção recuou 2%, após queda de 0,1% no trimestre anterior.

PIB e PIB da indústria

Variação sobre o trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/Contas Nacionais Trimestrais

2. Indústria de transformação volta a enfrentar baixa demanda e estoques elevados

A indústria de transformação continua mostrando dificuldades. Empresários estão reavaliando suas expectativas e passaram a perceber piora em suas condições de negócios (viam melhora no final do ano passado). A preocupação com a falta de demanda voltou a ganhar importância entre os principais problemas enfrentados pela indústria, segundo a Sondagem Industrial da CNI. Além disso, a mesma pesquisa mostra que há estoques em excesso e as condições financeiras das empresas pioraram e seguem debilitadas. A pesquisa Indicadores Industriais da CNI, referente a março, mostra queda de 4,1% do faturamento no primeiro trimestre de 2019, ante o quarto trimestre de 2018. Na mesma comparação, a média da utilização da capacidade instalada caiu 0,3 ponto percentual.

3. Investimento em queda

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) caiu 1,7% no primeiro trimestre de 2019, após queda de 2,4% no último trimestre de 2018. Essas quedas revertem a maior parte do crescimento de 5,7% ocorrido no terceiro trimestre de 2018. O investimento, medido pela FBCF, representou apenas 15,5% do PIB, neste primeiro trimestre, enquanto antes da crise esse percentual superava os 20%.

4. Consumo cresce, apesar da queda do PIB

O consumo do governo aumentou 0,4%, após queda de 0,3% no trimestre anterior. O consumo das famílias, por sua vez, avançou 0,3% frente ao trimestre anterior. O índice encontra-se em crescimento quase ininterrupto desde o primeiro trimestre de 2017. Cresceu 4,3% no período. Ao mesmo tempo, o PIB cresceu apenas 1,7% e o PIB industrial, 0,1%.

5. Importações atendem crescimento do consumo

O aumento do consumo foi atendido por um aumento das importações. As importações cresceram 0,5% no primeiro trimestre de 2019, enquanto as exportações recuaram 1,9%. O resultado é consequência da defasagem de competitividade dos produtos brasileiros, expostos a um ambiente de negócios hostil: infraestrutura deficiente, sistema tributário complexo e oneroso, alto custo de capital, incerteza e burocracia. Na pesquisa Competitividade Brasil 2018-2019 (CNI), o Brasil ficou em 18º lugar em um ranking de 19 países semelhantes no que diz respeito a fatores determinantes de competitividade.

► AS IMPLICAÇÕES

Indústria segue perdendo participação no PIB. A indústria encerrou 2018 com uma participação de 21,6% do PIB daquele ano ante 27,3% em 2008. Considerando o acumulado em quatro trimestres até o primeiro trimestre de 2019, o percentual recua novamente, para 21,5%.

O processo de reavaliação das expectativas e cautela dos agentes econômicos pode se intensificar. Em outros momentos a confiança elevada do início do ano já teria se traduzido em mais produção e mais consumo. Contudo, a crise foi forte e longa demais, o que afetou as condições financeiras de empresários e consumidores. A atual reavaliação das expectativas significa um acirramento dessa cautela, se traduzindo em novo adiamento das decisões de consumo, produção e investimento.

O início de uma recuperação a partir do segundo trimestre passa pela tramitação da Reforma da Previdência – mas não se restringe a ela. O atraso na tramitação da Reforma da Previdência dificulta avanços substantivos em outras agendas importantes para a competitividade e o crescimento, dentre as quais destacamos a Reforma Tributária. Esses avanços são necessários para a redução das diversas defasagens estruturais que dificultam o cotidiano das empresas brasileiras e reduzem nossa capacidade de competir com produtos estrangeiros.

A continuidade do baixo investimento preocupa. A capacidade produtiva instalada na indústria é mais do que suficiente para atender a demanda esperada até o final do ano, dada a alta ociosidade do parque produtivo. Contudo, o longo período de baixo investimento traz preocupações adicionais sobre a competitividade da indústria, tendo em vista a depreciação do capital já instalado e o avanço das tecnologias de automação e troca de dados na produção, conhecida como Indústria 4.0. Por isso, é fundamental que se dê condições para a retomada do investimento, reduzindo custos e incertezas, para que a indústria brasileira melhore sua condição competitiva e ocupe o seu potencial de mercado.